

Sem recurso para tratar o câncer

Guaira Flor
Da equipe do **Correio**

O Hospital de Base é o único do Distrito Federal com serviço gratuito de quimio e radioterapia — capazes de destruir e deter o avanço de células cancerígenas. Mas as filas para o tratamento são enormes. Pacientes chegam a passar dois meses esperando por atendimento. Além disso, faltam medicamentos e das quatro máquinas de radioterapia, apenas duas funcionam. Uma delas (a de braquiterapia) em estado precário. Ela trata do câncer de colo de útero. Em hospitais modernos, a aplicação de radiação dura de 10 a 30 minutos. No HBDF, as fontes da braquiterapia são antigas e obsoletas. Por isso, a paciente pode passar até cinco dias internada.

A máquina para tratamento de tumores profundos, como medula e próstata, está quebrada há quatro meses. É a segunda vez que pára este ano. A manutenção está cada vez mais complicada porque o aparelho parou de ser fabricado há 13 anos. “A peça que precisa ser substituída não existe mais”, explica Manoel Moreira, gerente de vendas da área médica da Siemens — empresa fabricante do equipamento.

Quem sofre de câncer de pele também não encontra tratamento (*ver matéria ao lado*). A máquina responsável pela radiação contra esse tipo de tumor está parada há oito meses, segundo oncologistas do HBDF informaram ao **Correio**. O motivo é a falta de dosimetria; aparelho que mede e calibra a quantidade de radiação da máquina. “Se o paciente se expu-

ser a ela, agora, pode receber radiação demais ou em quantidade insuficiente”, admite Dóris Daher, diretora da radioterapia.

Aconselhados pelos médicos do próprio HBDF, a maioria dos pacientes com câncer saem da cidade para buscar tratamento. Anápolis e Goiânia têm hospitais especializados no combate à doença. Lá, eles enfrentam filas menores e têm maior possibilidade de receber atendimento de qualidade, segundo os oncologistas do HBDF.

Laurinda Lopes Silva, 46 anos, seguiu o conselho dos médicos. Pediu para continuar o tratamento de câncer de mama na Unidade Oncológica de Anápolis. “Os médicos e enfermeiros do Hospital de Base são muito bons, mas não dá para passar dois meses na fila para começar a radioterapia”, diz.

Moradora de Samambaia, Laurinda descobriu o tumor em julho de 2001. Só conseguiu iniciar o tratamento no HBDF dois meses depois. Fez quimioterapia e, em março deste ano, retirou a mama esquerda. Como restaram células contaminadas, voltou para a quimioterapia. Logo na segunda sessão, faltou medicamento e o tratamento atrasou. “Fiquei desesperada. O câncer poderia voltar.”

O próximo passo era a radioterapia. Laurinda era a número 233 da fila. Como o médico recomendou urgência, ela viajou para Anápolis. “É triste morar na capital do país e ter de ir a Goiás para me curar.” A Secretaria de Saúde abriu licitação para comprar uma nova máquina de radioterapia, no início do ano, no valor de US\$ 1,6 milhão. Até agora, a verba não foi liberada.

Antonio Siqueira 28.08.02



MÃE DE 20 FILHOS, CONSUELO DE SOUZA, 73 ANOS, ACHA INJUSTO NÃO CONTAR COM A RADIOTERAPIA PARA TRATAR DE SEU CÂNCER DE PELE